

Natureza selvagem atraiu Michele ao Sul



Ex-moradora da Chácara das Pedras virou militante do movimento ambientalista

As belas praias do Leblon e do Morro da Cuíca, em Belém Novo, atraíram há 15 anos a advogada Michele Rihan Rodrigues, antes moradora da Chácara das Pedras. Ela gostou tanto que passou a militar no movimento ambientalista a fim de preservar o cenário. Ainda hoje, encanta-se com as surpresas que lhe traz a mata preservada às margens do Guaíba.

– Isso aqui é quase como um Jardim Botânico, em que a gente vê animais e plantas que não vê no resto da cidade. Há poucos dias avistei um bugio – conta.

A ativista se preocupa com a pressão imobiliária em contraposição à falta de investimentos públicos para dar conta das demandas de uma população crescente: – Sofremos com falta d'água duas, três vezes por semana. É preciso se planejar sempre.

Embora esse trecho da orla receba atenção renovada, sua ocupação é antiga. O clima bucólico atrai frequentadores desde o final do século 19. A procura pelo local, principalmente nos períodos de calor e no Carnaval, quando recebia grandes bailes, fez com que a região ostentasse, décadas atrás, dois cinemas, bares, restaurantes e um hotel-cassino que chegou a hospedar até a delegação da Seleção Brasileira.

Mais ao Sul, no Lami, a natureza ganhou refúgio permanente contra as pressões urbanas. Uma reserva biológica tem a missão de preservar a fauna e a flora.

– Nessa área temos ambientes úmidos com linhas de areia que formam mata de restinga, com figueiras, orquídeas, bromélias, líquens, samambaias. Essa combinação de figueiras e rochas compõe jardins naturais lindos. Temos uma orla preservada no Sul. Visualizamos ali, ainda, a paisagem primitiva de Porto Alegre – analisa o biólogo da Secretaria Municipal de Meio Ambiente e Sustentabilidade João Roberto Meira.

O Guaíba

- ▶ 470 km² de superfície – o equivalente a 94% da área da Capital
- ▶ 50 quilômetros de comprimento e largura de 900 metros a 19 quilômetros
- ▶ 3 metros de profundidade média

Fonte: Atlas Ambiental de POA

Ipanema, Leblon e Copacabana

Ao sul do polo náutico da cidade, encontra-se uma região que é fruto do sonho de uma parte de Porto Alegre de se fazer à imagem e semelhança do Rio de Janeiro. O próprio nome do bairro, Ipanema, foi adotado pelo empreendedor Oswaldo Coufal, um admirador da capital fluminense, ressaltando a beleza da enseada gaúcha para onde, a partir dos anos 1930, passaram a se deslocar milhares de pessoas aos finais de semana e durante os verões.

Naquela época, por iniciativa de Coufal e alguns sócios, a antiga área onde se plantava arroz deu lugar a um loteamento com ruas abertas a golpes de pá e enxada, conforme relata a dissertação de mestrado *O Veraneio de Antiga: Ipanema, Tristeza e os Contornos de um Tempo Passado na Zona Sul de Porto Alegre*, de Janete da Rocha Machado.

Em um período em que o Litoral Norte era uma região de difícil acesso, o Guaíba ainda despoluído atraía multidões. Por volta da década de 1960, o balneário começou a receber levadas crescentes de moradores fixos, mas jamais



ANDERSON HEITER

Os pais de Márcia estão entre os moradores pioneiros da Zona Sul

perdeu o charme típico de uma pequena cidade litorânea. Embora a água suja não permita mais os banhos, o calçadão ainda é um dos poucos pontos urbanizados que permitem o contato direto da população com o Guaíba.

– Meus pais vieram de Livramento, quando ainda era barato comprar terrenos. Eu e meu irmão aprendemos a caminhar na areia – relembra a gestora cultural Márcia Moraes, 46 anos.

Quando, já adulta, Márcia viveu um ano em Bagé, tinha tanta saudade da praia porto-alegrense

que levou consigo um porta-retrato do Guaíba. Hoje, coordena o recém-criado Brique de Ipanema, que reúne até 50 expositores duas vezes por mês junto à orla.

Ipanema não é a única inspiração carioca nas praias de Porto Alegre. No bairro Belém Novo, há um trecho conhecido como Leblon – onde estão as ruínas do restaurante Poletto – e, mais ao sul, uma prainha apelidada de Copacabana. Os moradores comentam que o nome é uma referência à beleza do lugar, de onde se avistam ilhas e enseadas verdejantes.

Pescadores enfrentam a poluição

Em uma pequena clareira perdida em meio à vegetação característica do Belém Novo, na margem do Guaíba, há meia dúzia de barcos de madeira. Toda semana, são colocados na água e partem com a missão de garantir a subsistência das últimas famílias que conseguem viver da pesca na Capital. Segundo a direção da Colônia de Pescadores Z5, hoje existem cerca de 400 famílias dedicadas ao ofício no município, mas a maioria está localizada nas ilhas. Calcula-se aproximadamente 50 ainda vivam na orla – onde

Peixes comuns no Guaíba

- ▶ Bagre
- ▶ Tainha
- ▶ Piava
- ▶ Jundiá
- ▶ Traíra
- ▶ Grumatã

enfrentam regras ambientais rígidas e o impacto da poluição.

Entre essas famílias está o casal Latifeh Aziz, 41 anos, e Vladimir Malaquias da Silva, 45. Amazônense, ela veio a Porto Alegre há 26 anos. A pescadora lamenta que os resíduos de esgoto no manancial obriguem ambos a percorrer longas distâncias até en-

contrar água limpa onde podem soltar suas redes.

– A gente viaja duas horas e meia até encontrar um bom lugar de pesca. Também complica o fato de que não podemos acampar nas margens que são áreas de preservação – conta Vladimir.

Outra queixa é uma restrição à pesca de bagres, uma espécie frequente na região, mas que está ameaçada de extinção e, por isso, não pode ser capturada no Estado. Caso sejam flagrados com o peixe, podem pagar pesadas multas e até acabar presos.



Dificuldades não impedem que casal Vladimir e Latifeh sobreviva da pesca. Eles têm um filho de 13 anos e vivem na Colônia de Pescadores Z5